



Presença em peso da elite política, jurídica e diplomática na solenidade sinaliza contraponto aos ataques de Bolsonaro. Alexandre de Moraes destaca o "fortalecimento da República"

Posse no TSE simboliza apoio à democracia

» INGRID SOARES

A lista de convidados da posse do ministro Alexandre de Moraes como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ainda repercute no meio político. Mais de 2 mil pessoas compareceram à cerimônia da Corte e aplaudiram o discurso do magistrado em defesa do processo eleitoral brasileiro e da democracia.

Para analistas políticos, a presença em peso da elite política, jurídica e diplomática na solenidade foi um sinal de apoio à Justiça Eleitoral, em contraponto aos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) e seus apoiadores. No discurso, Moraes destacou a confiança nas urnas eletrônicas e disse que o resultado das eleições no mesmo dia do pleito é "motivo de orgulho".

O presidente do TSE ainda afirmou que a interferência da Justiça sobre as eleições será mínima, mas que não permitirá abusos do direito de liberdade de expressão. No entanto, Bolsonaro, presente na solenidade, não endossou o coro e permaneceu imóvel nos momentos de aplausos.

Por meio das redes sociais, na tarde de ontem, o ministro defendeu, mais uma vez, a democracia brasileira. "A cerimônia do TSE simbolizou o respeito pelas instituições, como único caminho de crescimento e fortalecimento da República e a força da democracia, como único regime político onde todo o poder emana do povo e que deve ser exercido pelo bem do povo", escreveu Moraes.

A posse foi acompanhada por ministros do STF, ex-presidentes, políticos, 13 ministros do governo Bolsonaro e 40 embaixadores, além de 22 governadores, do procurador-geral da República, Augusto Aras, e outras autoridades. Na mesma cerimônia, o ministro

Antonio Augusto/Secom/TSE



Posse de Alexandre de Moraes como presidente do Tribunal Superior Eleitoral: "Apoio sólido à figura do ministro"

Ricardo Lewandowski foi empossado como vice.

O cientista político André Rosa resalta que a presença das autoridades é praxe, mas que o evento trouxe um simbolismo. "Obviamente, presidente e ex-presidentes da República participariam da posse. Mas, de fato, caso Bolsonaro não fosse a esse encontro, pegaria muito mal e seria uma afronta à democracia. É importante destacar também que, quando Alexandre de Moraes fala em apoio às urnas, todos aplaudem, menos Bolsonaro", apontou.

Para o advogado constitucionalista e cientista político Nauê Bernardo de Azevedo, a cerimônia teve diversos significados. "Primeiro, indica que há um apoio sólido à figura do ministro em si, que pode ser decisivo para que ele se imponha no TSE. Ao mesmo tempo, apoia as

falas enfáticas do ministro em defesa do sistema eleitoral, que tem adotado um tom forte e que, em outros contextos, não seriam mais que uma nota de rodapé em eventuais notícias sobre o evento", pontuou.

Primeiro compromisso

No primeiro compromisso como presidente do TSE, Alexandre de Moraes teve uma reunião, ontem, com os presidentes dos 27 Tribunais Regionais Eleitorais (TREs). O magistrado destacou que estará aberto ao diálogo. "Estamos absolutamente de portas abertas para todas e todos. O TSE sozinho não faz nada. O TSE atua junto com os Tribunais Regionais Eleitorais e com todos os juízes eleitorais", disse.

Moraes já declarou que não irá baixar a guarda durante o período das eleições. O TSE já tem

um plano pronto para conduzir o pleito de outubro com o menor nível de turbulência possível e prevenir a Justiça em caso de cenários extremos.

Na reunião com os TREs, ele disse que é de extrema importância que sejam tomadas medidas preventivas em conjunto no dia da eleição. Também foi discutido o combate à desinformação, a articulação com as forças de segurança, o treinamento dos mesários, e mudanças na divulgação dos boletins de urna.

O ministro vai comandar a Justiça Eleitoral durante as eleições mais conturbadas desde a redemocratização do país. Ele terá o desafio de garantir a lisura do sistema de votação e também deve lidar com o comportamento intempestivo de Jair Bolsonaro — que afirma, sem provas, que os pleitos anteriores foram fraudulentos.

Disputa tem recorde de mulheres

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam que todos os partidos que disputam o pleito deste ano cumpriram o mínimo de 30% de candidaturas femininas, cota prevista por lei, mas isso não significa que a proporção reflita o eleitorado brasileiro, que é de maioria feminina (53%).

Neste ano, o número de candidaturas femininas atingiu a maior proporção da série histórica das eleições nacionais. Ao menos 33,3% dos inscritos são mulheres. Entre os partidos,

13 ultrapassaram a média entre postulantes mulheres e homens, e dez ficaram mais próximos do piso permitido por lei. Os dados podem ser atualizados.

Tanto os partidos quanto as federações — composição autorizada pela primeira vez em 2022 — precisam cumprir a regra eleitoral que obriga que candidaturas femininas representem, no mínimo, 30% de todos os nomes indicados. A proporcionalidade de gênero exigida pelo TSE vale também para o uso dos recursos

do fundo eleitoral. Casos de irregularidades no cumprimento das cotas de gênero podem levar à cassação de bancadas, como ocorreu na Assembleia Legislativa do Paraná em julho deste ano.

Apesar de mais presentes nas urnas, as mulheres ainda são preteridas nas chapas para o Executivo, delegadas aos cargos de vice. Elas ocupam 42% das candidaturas de vice-presidente e 39% das de vice-governador. Nos dois casos, quase metade delas são negras.

Já a disputa por cargos-chave,

como o de governador, é dominada por homens — são 185 postulantes ante 38 candidatas. Em oito Estados, nem sequer há uma mulher concorrendo ao Executivo estadual.

A eleição de 2022 deve registrar a maior proporção de candidaturas femininas desde a redemocratização. São 9.434 candidatas, valor 16,5% maior do que em 2018. Os números contrastam com o observado nas candidaturas masculinas, que registraram aumento de 4,6% de uma eleição para outra.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Ciro carrega pedra como Sísifo

Ciro novamente foi emparedado por Lula. As pesquisas mostram que, dificilmente, manterá o patamar de dois dígitos de votação das campanhas anteriores.

Candidato à Presidência da República pela quarta vez, Ciro Gomes nos lembra *O Mito de Sísifo*, o mais esperto dos mortais segundo a mitologia grega. Ex-prefeito de Fortaleza, ex-governador do Ceará, ex-ministro da Fazenda do governo Itamar Franco e da Integração Nacional do governo Lula, ex-deputado estadual e federal, é um dos políticos mais experientes do país, com reconhecida capacidade administrativa. Concorreu à Presidência em 1998 e 2002 pelo antigo PPS; e, em 2018, pelo PDT, mesma legenda que o abriga neste ano.

"Os deuses condenaram Sísifo a rolar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram (os deuses), com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança", escreveu o filósofo existencialista franco-argelino Albert Camus (1913-1960), ao explicar a condição humana no livro *O Mito de Sísifo*, publicado em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial.

Enfurecido com os golpes que Sísifo aplicava contra os deuses, Zeus mandou Tânato, a deusa da morte, levá-lo ao mundo subterrâneo. Sísifo a presenteou com um colar e elogiou sua beleza. Na verdade, o ornamento era uma coleira, com a qual aprisionou Tânato. Deus dos mortos, Hades libertou Tânato e mandou-a novamente atrás de Sísifo. Antes de ser levado até Hades, Sísifo pediu à sua esposa, Mérope, que não enterrasse seu corpo. Quando encontrou o deus dos mortos, disse que precisava voltar pra casa, para ordenar à esposa que o enterrasse. Assim, enganou a morte pela segunda vez. Zeus e Hades consideraram Sísifo um revoltado e o sentenciaram à punição eterna: levar uma pedra ao alto da montanha e vê-la rolar, para novamente carregá-la até o alto, em um esforço sem fim.

Camus escolheu Sísifo por sua audácia diante da morte. Sua revolta consciente era negar os deuses e aceitar seu destino. Sua liberdade era encarar o absurdo sem nostalgia, salto ou apelo. Sua grandeza foi viver conhecendo todos os riscos. "Esse mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo?", indaga Camus.

Emparedado

"O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que ele se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consoma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo", ensina Camus.

Em 1998, Ciro rompeu com o então presidente Fernando Henrique Cardoso por causa da emenda da reeleição e deixou o PSDB. Explícito divergências sobre a venda do patrimônio público, as dívidas interna e externa e valorização artificial do real. Seu programa de governo previa a redução drástica dos juros e a adoção de um câmbio flutuante. FHC foi eleito no primeiro turno, com 53% dos votos, e Ciro ficou em terceiro, com cerca de 10% dos votos.

Com apoio de Leonel Brizola, em 2002 conseguiu formar uma frente com o PPS, PTB e PDT. Seu principal adversário era o tucano José Serra. Suas posições sobre a renegociação da dívida externa assustaram o setor financeiro, mas foi uma declaração infeliz sobre a atriz Patrícia Pillar, sua companheira na época, que pôs sua campanha a perder. No primeiro turno Lula venceu com 46% dos votos, Serra ficou em segundo com 23%, Garotinho em terceiro com 18% e Ciro Gomes em quarto com 12%.

Na campanha de 2018, Ciro disse que "quem estava sangrando o Brasil eram os brasileiros endinheirados". Defendeu a renegociação e o alongamento da dívida interna, e a redução das taxas de juros. Prometeu limpar o nome de devedores no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Com 13,3 milhões de votos (12,47%), foi o terceiro colocado na eleição presidencial. Ciro, novamente, é candidato; de novo, foi emparedado por Lula. Realiza um esforço de Sísifo.

CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PELA QUARTA VEZ, CIRO GOMES NOS LEMBRA O MITO DE SÍSIFO DE ALBERT CAMUS: UM ETERNO SUBIR DE MONTANHA CARREGANDO UMA PEDRA QUE SEMPRE ROLA ANTES DE CHEGAR AO TOPO.

» DE UNO www.correiobraziliense.com.br

Grupo de Renan lidera pesquisa

Pesquisa Ibrape em Alagoas mostra vantagem do governador Paulo Dantas (MDB), que tenta a reeleição. Ele tem 34% das intenções de voto, contra 23% do senador Fernando Collor de Mello (PTB). O senador Rodrigo Cunha (União) tem 13%, e Rui Palmeira (PSD), 7%. Na disputa pelo Senado, o ex-governador Renan Filho (MDB) lidera com folga: tem 58% das intenções de voto contra Davi Davino Filho (PP), com 19%.

Casagrande amplia chance de reeleição

Candidato à reeleição, o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, do PSB (foto), mantém a liderança da corrida eleitoral ao Palácio Anchieta. Pesquisa Ipec, divulgada ontem, mostra o governador com 52% das intenções de voto, índice que garantiria a vitória no primeiro turno. O vice-líder é o ex-deputado federal Carlos Manato (PL), que tem apoio de Jair Bolsonaro, com 10%. Em seguida estão Audifax Barcelos (Rede), com 7%, e Guerino Zanon (PSD), com 5%.

Ana Ravssa/CB/D.A Press



Haddad admite "diálogo difícil"

Em sabatina para veículos do Grupo Globo, o candidato do PT ao governo de São Paulo, Fernando Haddad, admitiu uma "dificuldade programática" do partido em conversar com eleitores paulistas. Haddad atribuiu a situação a uma falta de diálogo da legenda com eleitores de cidades que nunca foram governadas pelo PT no estado. Haddad criticou a gestão Dória-Garcia (PSDB) e defendeu a aliança de Lula com o ex-governador Geraldo Alckmin, "para fazer frente ao extremismo" de Jair Bolsonaro.